

Jorge Figueira

No Tempo Presente

A história como arte



Na direcção do arcaico



O futuro é nosso



1 A história como arte

Já pude brevemente comentar a contribuição de Alexandre Alves Costa para o ensino da arquitectura¹ e, em particular, a cadeira que começou a leccionar em 1984-85², “História da Arquitectura Portuguesa”, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Para lá dos conteúdos, é o método, até mais a *aura*, com que a disciplina é proposta que lhe dá um carácter único.

Desde logo, em visitas, por exemplo a edifícios pré-românicos, Alves Costa é capaz de inculcar nos estudantes o entusiasmo geralmente destinado a arquitecturas contemporâneas.

Depois, o obrigatório registo através do desenho é uma forma de interpelação rápida, presente e subjectiva, de obras de alto valor patrimonial incensadas pela história.

Depois ainda, a possibilidade de projectar sobre esses edifícios trá-los para o nosso tempo como matéria próxima, e retirar-lhes a intocabilidade que por vezes só o tempo lhes conferiu.

Alves Costa consegue assim recriar uma plausível emoção sobre sítios, por vezes recônditos, e obras, por vezes de difícil leitura ou de apelo muito subtil.

Em última análise, esta empatia permite reatar uma espécie de diálogo com arquitectos há muito ausentes: “Porque terá sido assim?”; “Não podia ter sido de outro modo?”

Nas aulas, nas viagens e nos desenhos, o estudante é convidado a movimentar-se, a tomar uma posição activa face ao edifício histórico. Os encomendadores, os arquitectos e os utentes, são actores novamente em cena, que interpelamos.

É por isso fundamental a experiência da visita e a disponibilidade para tentar entrar na lógica do edifício, como se o estivessemos a re-projectar, a re-conectar com a vida contemporânea.

Esta abordagem - que é não uma mera didáctica mas uma visão particular da história da arquitectura - criou uma disciplina particularmente operativa nos cursos de arquitectura, também em Coimbra, ao cruzar o campo da história com a necessária sensibilidade prática do projecto. Este processo de vivificação da história permitiu levar a gerações de estudantes um conhecimento que teria ficado blindado nos livros, em más reproduções e fraseado “científico”.

Ao tentar encontrar uma raiz para o entendimento da história que Alves Costa traduz gostaria de remeter neste momento para “A Escrita da História”, de José Mattoso. Podemos arriscar dizer que o trabalho de Alves Costa traduz, para o campo da arquitectura, a matriz do pensamento de Orlando Ribeiro, Eduardo Lourenço e José Mattoso;

Esta comunicação, de que aqui se publica uma versão actualizada, foi feita em 18 de Fevereiro de 2010, na Capela do Colégio das Artes, no âmbito das comemorações dos 20 anos do Departamento de Arquitectura da FCTUC, como programa paralelo à exposição “Alexandre Alves Costa: A Viagem”. De acordo com os organizadores era dedicada ao tema “A História”. Uma apresentação semelhante teve lugar em 20 de Maio de 2010 na Escola Técnica Superior de Arquitectura de La Coruña.

a componente projectual e prospectiva deve ser procurada no modo de intimidade com que Fernando Távora tratava a história da arquitectura portuguesa. Por agora, fiquemos pelo historiador:

Afirma Mattoso: “Outrora, *factos históricos* eram só as acções dos chefes políticos, dos génios ou dos heróis. Desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica: desde a forma de enterrar os mortos, até à concepção do corpo, desde a sexualidade até à paisagem” (Mattoso, 1997, p. 17).

Podemos dizer que a leitura de Alves Costa visa exactamente este alargamento que lhe permite incluir arquitecturas que não são canonicamente “heróicas” ou “geniais”; a pequena história mas também a história dos pequenos; e o modo como esta pode superar, pelo menos poeticamente, a histórica central dos grandes modelos, dos grandes chefes.

Por outro lado, “A totalidade do real”, a que Mattoso aspira, como o próprio afirma, “só pode ser apreendida e transmitida por processos simbólicos ou por um tipo de linguagem cujo código é infinito nas suas expressões e recursos, como é a poesia.” (Mattoso, 1997, p. 18)

Podemos dizer que a abordagem de Alves Costa também entende que é numa relação de proximidade, de *amor* com o objecto visado que se pode expressar o conhecimento da história. E esta relação encontra a sua expressão na linguagem poética, uma maleabilidade discursiva que se propõe encontrar as diversas legitimidades de cada objecto em contexto e não apenas no seu comportamento taxinómico.

De facto, diz Mattoso que “a atitude contemplativa” que relaciona com “a linguagem poética e com o amor”, “não se opõe, de modo algum, à atitude racional e científica. Não prejudica a objectividade do conhecimento, antes pelo contrário. Torna a ciência extremamente exigente, e o rigor da observação, incansável.” (Mattoso, 1997, p. 20)

Como escreveu Novalis: “quanto mais poético, mais verdadeiro”.

Mattoso propõe que “o fascínio” da História “resulta de o Homem estar convencido que pode encontrar no passado algumas das respostas fundamentais acerca de si próprio.” (Mattoso, 1997, p. 19)

Na abordagem de Alves Costa esta ideia - e o risco que lhe está inerente - é constante, ao ponto de uma leitura mais positivista da história poder ser sacrificada em nome de uma leitura biográfica do presente.

É que, como escreve Mattoso, “a História destina-se, justamente, a tentar mostrar que existe uma ordem no mundo.” (Mattoso, 1997, p. 23) E este é um dado central: um arquitecto a lidar com a história significa